



OLIVEIRAS, IRMÃOS

símbolos de uma época
exposição



13 agosto a janeiro 2015
palácio do infantado
SAMORA CORREIA



palácio do
infantado
samora correia

120 Anos Oliveiras, Irmãos

Na segunda metade do século XIX, João Pedro Oliveira fundou a sua Casa Agrícola em Samora Correia. O crescimento sustentado de toda a actividade relacionada com a agricultura e pecuária da casa agrícola que se anunciava em nome de João Pedro Oliveira até 1922, transformou-se por morte do patriarca numa sociedade que passou a denominar-se Viúva Oliveira e Filhos, em cujo tempo, ao que se sabe teve a marca VO, embora mantivesse o mesmo ferro JPO para ferrar o gado. No ano de 1943, a Casa passou a pertencer apenas aos irmãos e juridicamente registada como Oliveiras, Irmãos.

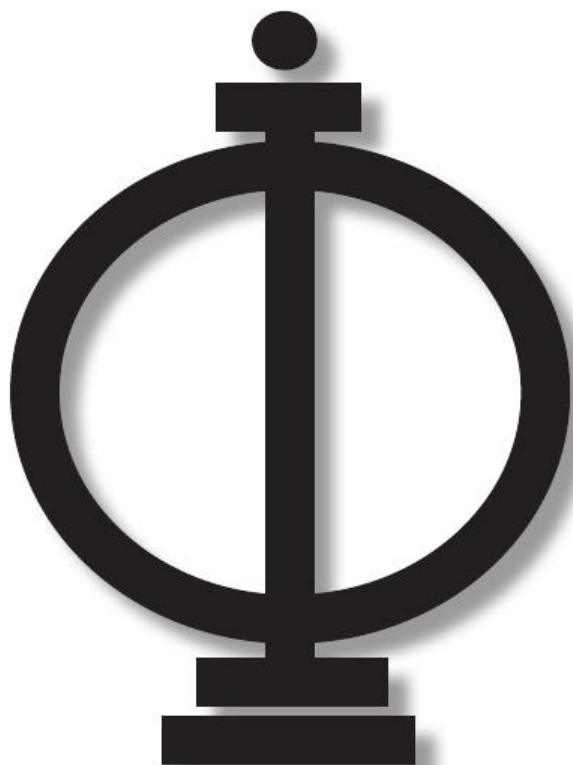
A fundação da ganadaria remonta ao ano de 1895, ano em que João Pedro Oliveira (fundador), o patriarca da família, adquirira gado bravo de várias procedências da chamada raça portuguesa que era corrido em praça sob o nome de João Pedro Oliveira e era utilizado depois como força de trabalho, fim último para que existia este efectivo. A partir de 1922, a ganadaria passou a anunciar-se sob o nome de Viúva de Oliveira e Filhos. Os irmãos Oliveira, João e Eduardo, convencem os restantes elementos da sociedade e mudam a orientação da selecção adquirindo rezes bravas, de encaste diferente do existente. Em 1938 introduzem sangue Pinto Barreiro. Desde 1944 que a ganadaria se manteve sem introdução de reses de outra proveniência. Os toiros "Oliveiras" pontificaram décadas sucessivas nas praças de toiros de Portugal, Espanha e França, como uma das melhores ganadarias portuguesas, se não a melhor, do nosso país. Cerca de oitenta sementais padream em cerca de quarenta vacadas de ferro diferente dos Oliveiras, Irmãos, em Portugal e Espanha. Depois de grande número de presenças nas Praças de Toiros de Espanha, galardoada com prémios de honra e distinção, atribuídos à ganadaria, no país vizinho, em 25 de Setembro de 1988, foi lidada em Madrid, uma excelente novilhada, alcançando assim a ganadaria a antiguidade no país vizinho, na Monumental de Las Ventas. A Cautelheiro, o primeiro novilho dessa tarde, os críticos da especialidade atribuíram a nota de excelente.

A ganadaria foi dirigida por João Pedro Oliveira

(fundador), até 1922, pelos irmãos João e Eduardo, até 1949, e apenas por irmão João de 1949 até 1983, sendo que após a morte do lavrador João Benavente, ficaram encarregues dessa função os primos Calisto, filho de Carlos Pedro de Oliveira, e Urgel, filho de Eduardo Pedro de Oliveira e, após a morte destes, a casa foi dirigida pelos primos Joaquim Oliveira Costa, neto de Joaquim Pedro de Oliveira, Eduardo Oliveira, neto de Eduardo Pedro de Oliveira e João Carlos Oliveira, neto de Carlos Pedro de Oliveira, até ao ano de 2012 data em que é adquirida, com o ferro e todo o efectivo, pelo Senhor João Maria Botelho Folque de Mendonça. Os toiros de Oliveiras, Irmãos, foram projectados para o mundo da tauromaquia como a melhor ganadaria portuguesa, obtendo sucessos consecutivos nas praças de toiros de todo o mundo taurino.

Sérgio Perilhão

Samora, 7 de Agosto de 2014



Oliveiras, Irmãos ...Símbolos de uma época

Na segunda metade do século XIX, João Pedro Oliveira, nascido a 28 de Maio de 1862 e falecido a 26 de Janeiro de 1922, com 60 anos de idade, fundou a sua Casa Agrícola em Samora Correia. O seu pai, Alves d'Oliveira, teve quatro filhos, do casamento com D. Joaquina Sequeira d'Oliveira, a saber, António Pedro d'Oliveira, João Pedro d'Oliveira, (fundador da Casa Oliveiras), Maria Pedro d'Oliveira e Luciana Pedro d'Oliveira. O Senhor Alves d'Oliveira terá sido um dos homens de confiança de Sua Alteza Real D. Miguel I, nas actividades da Casa Real, na falcoaria de Salvaterra de Magos, desempenhando essas funções públicas e prestando favores ao Rei com tal zelo e dedicação que o Senhor D. Miguel I lhe terá dado como recompensa algumas terras e outros bens. O Senhor Alves d'Oliveira ter-se-ia fixado em Benavente com toda a sua família. Após o falecimento da sua primeira mulher, D. Cândida Lopes, de quem teve os descendentes, Carolina, Maria Luísa, Silvestre e Cândido, (os quais após a morte de sua mãe ficaram entregues à família materna), João Pedro d'Oliveira, (1862-1922) casou em Benavente, em segundas núpcias, com D. Maria da Conceição Ferreira Bica, (tinha 19 anos) de cuja união nasceram os filhos, Joaquim, João, Carlos, José, Maria Emília, Eduardo e Maria da Conceição, tendo-se radicado posteriormente em Samora Correia. Aqui desenvolveu as suas actividades agrícolas e pecuárias com empenho e dedicação de tal forma que conseguiu alicerçar no seu trabalho os bons resultados económicos e o respeito dos seus congéneres. Seguiu a faina do campo nas terras de sementeira, participando nos alqueives, nas gradagens, nas sementeiras, nas ceifas e nas debulhas, juntamente com os seus filhos João Pedro, o segundo da prole, e Eduardo Pedro, o mais novo dos irmãos, (curiosamente, por ironia do destino, o primeiro a falecer), que sentiam como o pai a agricultura e a pecuária da família com a entrega e paixão desmedidas a que tais misteres obrigavam. Tornou-se, através da sua Casa Agrícola, um dos maiores empregadores de mão-de-obra rural da vila de Samora. A rua onde moraram os filhos José, Eduardo e João, ainda hoje é chamada, pelos mais antigos, por rua dos

“Benaventes”. Este epíteto adveio-lhe, tanto quanto nos foi dado saber, por serem oriundos daquela terra vizinha. Os filhos Joaquim, João, Carlos, José e Eduardo, nascidos por esta ordem, seguiram-no no entusiasmo e na dedicação. O crescimento sustentado de toda a actividade relacionada com a agricultura e pecuária da casa agrícola que se anunciava em nome de João Pedro Oliveira até 1922, transformou-se por morte do patriarca numa sociedade que passou a denominar-se Viúva Oliveira e Filhos, em cujo tempo, ao que se sabe teve a marca VO, embora mantivesse o mesmo ferro JPO para ferrar o gado. A sociedade passou, no ano de 1943, a pertencer apenas aos irmãos e registada como Oliveiras, Irmãos. A particularidade desta sociedade assentava numa decisão prévia entre os irmãos de que só os membros da família do sexo masculino poderiam ser sócios e, para cumprir essa determinação, foram dadas as tornas às suas irmãs, Senhoras D. Maria Emília Perpétua d'Oliveira (1905-1978) e D. Maria da Conceição d'Oliveira Costa Godinho (1910-1988). Os irmãos Oliveira tinham as tarefas e responsabilidades distribuídas segundo as suas aptidões. Encarregavam-se das fainas do campo, das culturas agrícolas e da pecuária, os irmãos Eduardo Pedro (1907-1949) e João Pedro, (1897-1983); o José Pedro (1899-1959) era um excelente ferreiro que trabalhava o ferro na forja e na bigorna com ofício e arte e, para além disso, aplicava as ferraduras nos cascos das bestas da Casa; o Joaquim Pedro (1891-1977) era responsável pelo sector administrativo e o Carlos Pedro (1902-1987) responsável pelas oficinas e toda a maquinaria agrícola. O filho João Pedro destacou-se no seio da tauromaquia por ter sido o fundador (1944) do encaste Oliveiras.

Sérgio Perilhão
Samora, 3 de Agosto de 2014

Fontes: Elisa Oliveira Vidal Assunção, Joaquim Oliveira Costa, João Carlos Oliveira, José Pedro Almeida, Maria Amália Oliveira, João Oliveira Costa Godinho, Dra. Maria João de Oliveira Lima.
Bibliografia – AO ESTRIBO - 2ª Edição (1926) – Pepe Luis; Sítio da Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide.

A Ganadaria Oliveiras...

... Origens e Evolução

A fundação da ganadaria remonta a 1895, ano em que João Pedro Oliveira (pai), o patriarca da família, adquirira gado bravo de várias procedências da chamada raça portuguesa que era corrido em praça sob o nome de João Pedro Oliveira e era utilizado depois como força de trabalho, fim último para que existia este efectivo. É a partir de 1922, com a morte do progenitor, que João e Eduardo, ainda jovens, mudam a orientação da selecção e convencem a sociedade a adquirir rezes bravas, de encaste diferente do existente, a D. Casimira Fernández, viúva de Soler, a que juntaram reses de Cláudio Moura e Alves do Rio, substituindo esse efectivo, em 1938, por vacas e sementais de Joaquim Oliveira Fernandes de sangue Pinto Barreiro. Com a morte de Eduardo Pedro Oliveira, falecido prematuramente (1949), fica apenas o irmão João Pedro com a orientação da ganadaria. Acompanha-o nas lides do campo João Almeida (1901 – 1982), mais conhecido por João Toireiro, o maioral real da Casa Oliveiras. Após a morte de Eduardo Pedro Oliveira, o maioral João Toireiro que com ele estabelecera grande amizade, não mais envergou a farda de festa de campino e passou a vestir apenas e sempre a calça justa, colete e jaqueta, pondo na cabeça chapéu ou barrete pretos e aconchegando a cintura com uma cinta de cor preta.

A selecção das bezerras bravas, tentadas no silêncio da charneca, da Herdade da Baracha, era executada com um rigor e uma sensibilidade incomparáveis. João Pedro Oliveira era detentor de uma forma peculiar de seleccionar a bravura e fazia-o de tal maneira que, no decorrer das décadas, dentro do seu efectivo pode dizer-se que criou um encaste tipificado. Com um lote de vacas e sementais seleccionados permanentemente dentro do seu efectivo, a ganadaria Oliveiras pontificou décadas sucessivas como uma das melhores, se não a melhor, do país. Ainda hoje vemos reflexos desse trabalho nos toiros desta ganadaria. As tentas eram realizadas no maior dos silêncios sem anúncio prévio e com a presença de um número muito restrito de convidados. Para além de ser escrupuloso na aplicação do seu conceito quanto ao comportamento das rezes, João Pedro Oliveira rejeitava as pelagens diferentes do negro porque, para si, o toiro era sempre “preto”. Conta-se que apesar de os toureiros se deliciarem em muletazos sucessivos com as bezerras cujos comportamentos em varas não satisfizessem o Senhor João Benavente, esses

João Benavente...

...e João Toureiro

O Senhor João Benavente, assim conhecido no meio taurino português, iniciava o seu dia de trabalho pela madrugada, montando a cavalo a caminho da lezíria ou da charneca, para dar a sua volta pelas empostas e inteirar-se do andamento das azáfamas diárias das lides do campo.

Acompanhava-o sempre o seu maioral real João Toureiro. Contavam, aqueles que os conheceram, que se o dia tivesse corrido bem chegavam “a jeito do sol-posto” à vila de Samora, com as montadas lado a lado, cavaqueando e trocando ideias. Se o dia tivesse corrido mal o maioral real seguia atrás da garupa do cavalo do lavrador e não articulavam palavra entre si.

João Pedro Oliveira envergava sempre o seu traje campero (no Inverno usando barrete preto e no verão

chapéu preto). Não há memória de que alguma vez tivesse usado outra indumentária para comparecer em quaisquer que fossem os cerimoniais ou acontecimentos festivos. Exímio no manejo da vara de campinar era considerado um dos melhores lidadores do Ribatejo e um sabedor profundo do manejo do gado bravo. Acompanhado do seu Maioral Real, participava em picarias, fazendo jus à sua mestria e à sua fama. “Pepe Luís” no seu livro “Ao Estribo” refere a sua participação na picaria que se realizou no “Jóquei Club”, no Campo Grande em Lisboa, organizada pelo grande cavaleiro António Luís Lopes, também lavrador, na freguesia de Samora, em terras de Pancas, por ocasião da Festa da Cavalaria Portuguesa, a exemplo de outras que por esse Ribatejo se

exemplares eram rejeitados pelo ganadero. Desde 1944 que a ganadaria se manteve sem introdução de reses de outra proveniência, mesmo depois da sua morte por causa do respeito e da admiração que os sobrinhos Calisto e Urgel foram capazes de manifestar enquanto vivos e orientadores da ganadaria brava Oliveiras. Este homem que nada sabia de letras, nada sabia de zootecnia, tinha um saber de experiência feito alicerçado numa sensibilidade e afición nunca vistas. Algumas vacadas portuguesas melhoraram os seus efectivos com fêmeas compradas à desmama (1) ou rejeitadas nas tentas e mais de sete dezenas de sementais padream com cerca de quarenta vacadas bravas de outras ganadarias portuguesas.

Após inúmeras participações em França os Oliveiras adquiriram em 1963 a António Oliveira Durão o ferro daquela ganadaria, para poderem integrar em Espanha a “Union de Criadores de Toros de Lúdia” e lidar no país vizinho os seus produtos. Depois de várias presenças em Espanha e prémios de honra e distinção, em 25 de Setembro de 1988, cinco anos após a morte do tio João, sob a orientação de Calisto, filho de Carlos Pedro, e Urgel, filho de Eduardo Pedro, apresentou-se com o ferro Oliveiras, Irmãos, em Las Ventas, uma novilhada, fazendo o passeio pela primeira vez em Madrid o novilheiro da Casa, Eduardo Oliveira, neto de Eduardo Pedro, juntamente com Juan Cuellar, e António Manuel Punta, alcançando assim a ganadaria a antiguidade no país vizinho. Juan Cuellar cortou uma orelha a Cauteleiro, o primeiro novilho da tarde, ao qual os críticos atribuíram nota de excelente.

João Pedro Oliveira, nasceu a 24 de Julho de 1897 e faleceu a 5 de Fevereiro de 1983. O Jornal “O Século”, no dia a seguir à sua morte destacou o acontecimento, noticiando o facto como uma grande perda para a festa brava em Portugal, apelidando este homem campero e aficionado de “o melhor ganadero português”.

Sérgio Perilhão

Samora, 3 de Agosto de 2014

Fontes: Elisa Oliveira Vidal Assunção, Joaquim Oliveira Costa, João Carlos Oliveira, José Pedro Almeida, Maria Amália Oliveira, João Oliveira Costa Godinho, Dra. Maria João de Oliveira Lima

Bibliografia – Sítio da Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide

(1) Joaquim Isidro, maioral da Casa Palha, hoje com mais de oitenta anos, contou que Alberto Cunhal Patrício, (quando este maioral estava na Casa Cunhal Patrício), comprou aos Oliveiras, em dois anos seguidos, reses à desmama (à volta de 25 em cada ano) que foram uma boa base da ganadaria Cunhal Patrício.

realizavam.

Em homenagem a estes dois homens do Ribatejo, nos dias de hoje, nas picarias das Festas de Samora é galardoado com o prémio João Pedro Oliveira o marialva que executa a melhor varada, sendo para a melhor varada de campino o galardão com o nome de João Toureiro.

Com o afastamento por doença do seu maioral real João Toureiro e o peso da idade, este lavrador aficionado passou a deslocar-se num “Land Rover”, conduzido pela sua filha D. Maria Emília de Oliveira, nas idas diárias ao campo, visitando as terras e o gado que acompanhou até ao fim da sua vida.

João Almeida nasceu em Samora Correia, no dia 4 de Outubro de 1901 e faleceu no dia 12 de Março de 1982. João Pedro Oliveira nasceu em Samora Correia no dia 24 de Julho de 1897 e faleceu no dia 5 de Fevereiro de

1983.

No maneio do gado bravo João Benavente e João Toireiro foram sempre considerados pelos seus pares duas das melhores “varas” do Ribatejo.

Sérgio Perilhão

Samora, 3 de Agosto de 2014

Fontes: Elisa Oliveira Vidal Assunção, Joaquim Oliveira Costa, João Carlos Oliveira, José Pedro Almeida, Maria Amália Oliveira, João Oliveira Costa Godinho

Bibliografia – AO ESTRIBO - 2ª Edição (1926) – Pepe Luis

A tauromaquia (...) e a família “Oliveiras”

Envolto num manto de afición os Oliveiras espalharam, com o encanto de quem quer desfrutar de um bem que lhes está à mão, servido de forma espontânea entre si, como um perfume, a sua grande paixão pela festa brava. Com o acesso fácil à lide das reses bravas cedo nasceu entre a família o entusiasmo pela arte da tauromaquia. O maneio do gado bravo logo levou o João Pedro de Oliveira, o abegão da casa, a tornar-se um dos melhores lidadores a campo, tendo sido considerado uma das melhores varas do Ribatejo, sendo que também toureou a cavalo sem grande luzimento, o Eduardo que era primoroso na arte de tourear a cavalo, era um aficionado de valor desmedido e toureou a pé de forma invulgar, servindo na brega de muitos toureiros que demandavam as tentas na Baracha, era também o picador nas tentas das reses bravas da ganadaria. Os jovens, Urgel e Calisto, ainda crianças, iniciaram-se no toureio a pé, participando em festivais taurinos, particularmente e amiúde, em Alcochete, onde naquela praça de toiros, o Calisto foi passeado em ombros pelos matadores Carnicerito do México e Caytano Órdóñez (Niño de La Palma). Mas a paixão pela tauromaquia entre a família era tal que José Pedro de Oliveira insistia com o filho António José, ainda criança, dizendo-lhe insistentemente que tinha que ser toureiro. O filho seguiu o caminho do toureio sem alcançar a alternativa. José Pedro de Oliveira nunca foi capaz de assistir a uma faena daquele jovem que viria a ser uma das maiores figuras entre os novilheiros portugueses tendo, arrebatado um capote de honra, depois uma extraordinária faena, na Praça de Toiros do Campo Pequeno. Nas Festas de Samora o referido capote foi depositado pelo jovem novilheiro aos pés da imagem de Nossa Senhora de Oliveira. Na mesma ocasião alcançou um prémio pecuniário de trinta contos, valor que ofereceu para as obras da cantina escolar de Samora Correia. Os aficionados das principais praças do país seguiam-no com toda a atenção. As gentes aficionadas de Samora acompanhavam-no em excursão para ver as suas actuações nas praças de toiros portuguesas. Passou algumas temporadas para lá da fronteira sem conseguir singrar no “mundillo” da tauromaquia em Espanha. Nunca concretizou o



sonho do seu pai que era ser matador de toiros. As sementes desta ligação à festa brava e ao toureio continuaram a germinar e a família dos Oliveiras ofereceu aos aficionados mais um valor de arte na tauromaquia portuguesa através do

neto de Eduardo Pedro de Oliveira, filho de Urgel de Oliveira, que se inicia, como forçado amador, no Grupo de Forcados Amadores de Lisboa e com a mesma paixão que pegava os toiros assim pegou o querer e a entrega à arte de tourear. Tirou a prova de novilheiro no dia 12 de Agosto de 1984 na sua terra natal. No dia 14 de Agosto do mesmo ano, com o testemunho do matador de toiros Mário Coelho e dos cavaleiros João e António Ribeiro Telles, apresentou-se como novilheiro, por ocasião das Festas em honra de Nossa Senhora de Oliveira e Nossa Senhora de Guadalupe. Como novilheiro fez o seu percurso em Espanha. Despediu-se dos seus conterrâneos como novilheiro no dia 12 de Agosto de 1989, na sua terra, por ocasião das Grandes Festas Anuais. No dia 15 de Agosto de 1989 em Almendralejo tendo como padrinho Curro Vasquez e testemunha Luis Reyna, tirou a alternativa de matador de toiros. Nas festas de Nossa Senhora de Oliveira e Nossa Senhora de Guadalupe, no ano de 1990, Eduardo Oliveira, já como matador de toiros, ofereceu à Virgem Maria o seu capote de passeio usado no dia da sua alternativa. Como matador de toiros cumpriu várias campanhas em Espanha e México. Neste ano de 2014 comemora os seus 25 anos de alternativa.

Sérgio Perilhão

Samora, 7 de Agosto de 2014

Um testemunho (*)

... a minha mãe nasceu em 1910 depois do terramoto de 1909 que afectou Samora. Nasceu numa daquelas tendas que montaram para as vítimas do terramoto. Em 2009 no dia em que se completaram cem anos desse acontecimento trágico desloquei-me a Samora. Parei-me no Largo da Igreja. Se bem me lembro repicaram os sinos. O meu avô João Pedro, pai da minha mãe, vivia na Rua do Grilo, local afectado pelo terramoto de 1909. Naquela zona as casas foram destruídas. As pessoas abrigaram-se em tendas.

Vivi muito com os meus tios. Em particular senti a amizade que o meu tio João e o meu tio Eduardo nutriam por mim. Acompanhava-os muitas vezes. Ainda muito jovem tive o privilégio de com eles conhecer o campo. Montando num cavalo ou numa charrete os meus tios percorriam a lezíria e a charneca de lés-a-lés.

Recordo-me de ver os meus tios acompanharem a lavoura qualquer que fosse a época. Nos alqueives, nas gradagens, nas sementeiras, nas ceifas e nas debulhas, eles faziam parte integrante de toda aquela azáfama.

No tempo das cheias cheguei a acompanhá-los atravessando a lezíria de Vila Franca, desde o Mouchão Alto pela estrada até ao Cabo. Íamos numa charrete na qual atravessávamos, no batelão que fazia a travessia no Tejo, do Cabo para Vila Franca, de onde seguíamos até ao Carregado. Aí deixávamos a charrete e atravessávamos de novo o Tejo numa bateira para o lado da Figueirinha. De Samora para a Baracha fui muitas vezes de charrete com o tio João que no regresso ía deitando o olho à paisagem e observando tudo minuciosamente.

A par de todas as suas qualidades e defeitos tinha um sentido de economia e poupança invulgares. Um belo dia, quando vínhamos, num fim de tarde, da Baracha para Samora, o tio João naquela sua maneira criteriosa de observador do que o rodeava, vê umas pinhas no chão as quais para mim não tinham qualquer interesse; para a charrete, desce e apanha-as explicando depois que com aquelas pinhas já podia acender o lume na chaminé.

Na Baracha assisti a muitas selecções de bezerras. Juntávamo-nos o Calisto, o Urgel e eu e é claro como crianças que ainda éramos, de vez em



quando, lá provocávamos uma alteração no silêncio do tentadeiro. Aí o tio João Benavente gritava connosco e repreendia-nos.

A selecção da ganadaria era uma paixão que se centrava no desejo de perfeição absoluta.

O meu tio João tinha uma sensibilidade extra. Tudo para ele era importante. Qualquer comportamento tinha significado. Usava uma pequena carteira onde guardava um pequeno bloco de notas e nele tinha inscritos, à sua maneira, os eus segredos de ganadero.

Fazia-se uma tenta e toda a gente ficava espantada porque o patrão João nem metade das bezerras seleccionava. Refugava mais de metade das bezerras e vendia esse refugo a outros criadores de gado bravo.

No silêncio da Baracha desempenhava a função de picador o tio Eduardo que muitas vezes também toureava. Toureavam o Joaquim Moça e Augusto Gomes. Quando o patrão João mandava colocar uma bezerra num determinado sítio tinha que ser nesse sítio e não noutra. Ali ... era ali.

Sérgio Perilhão

Samora, 5 de Agosto de 2014

(*) – Testemunho de João Oliveira Costa Godinho, filho de D. Maria da Conceição Oliveira Costa Godinho, sobrinho dos irmãos Oliveira e neto de João Pedro Oliveira fundador da Casa

Horário da Exposição
de 13 de Agosto a Janeiro de 2015
2^a a 6^a | das 10.00h às 18.00h
Sábado | das 14.30h às 18.00h
Encerra aos Domingos e Feriados

Contactos
Palácio do Infantado
263 650 510

